



# Níveis de religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens seminaristas

Levels of religiosity and spirituality of adolescents and young seminarians

*Elenilze Josefa Diniz\**

UNIFACISA

*Marcel Alcleante Alexandre de Sousa\*\**

Recebido em: 11/07/2020. Aceito em: 27/08/2020.

**Resumo:** *Objetivo: Avaliar as características psicométricas da versão em português da Escala de Religiosidade DUREL em um grupo de seminaristas. Método: Foi um estudo de caso, observacional, quantitativo com validade de construto convergente analisada pela correlação da Escala de Medida de Sentimento de Religiosidade. O teste de escala de DUREL teve alta consistência interna, em outras áreas de conhecimento, com concordância entre o teste e reteste; as validades de critério e construto, confirmadas pelas correlações estatisticamente significativas. Resultados: As análises quanto aos itens da Escala DUREL apresentam resultados positivos quanto ao nível de saúde religiosa dos jovens em análise. Os resultados demonstrados nas categorias analisadas apresentam resultados acima de 60 % acima da minoria, 20%. Conclusão: Os adolescentes e jovens em processo formativo chegam ao seminário sem noção acerca da saúde espiritual. Sabe-se que a saúde de um seminarista resulta em um presbítero saudável.*

**Palavras-chave:** Saúde. DUREL. Seminário.

**Abstract:** *Objective: To evaluate the psychometric characteristics of the Portuguese version of the DUREL Religiosity Scale in a group of seminarians. Method:*

\* Doutora em Sociologia (Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, 2008). Mestra em Economia Rural (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Campina Grande, PB, 1999). Bacharela em Economia (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Campina Grande, PB, 1993). Professora no Centro Universitário UNIFACISA, Campina Grande, PB).

E-mail: elenilzejosefadinizjosefa@gmail.com

\*\* Mestre em Ciências das Religiões (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, PB, 2020). Graduação em Teologia (Instituto Santo Tomás de Aquino, ISTA, Belo Horizonte, MG, 2016). Graduação em Filosofia (Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2012).

E-mail: marcelalcleante@yahoo.com.br





*It was a case study, observational, quantitative with convergent construct validity analyzed by the correlation of the Religious Feelings Measurement Scale. The DUREL scale test had high internal consistency, in other areas of knowledge, with agreement between the test and the retest; the criterion and construct validities, confirmed by statistically significant correlations. Results: The analysis of the items on the DUREL Scale shows positive results regarding the level of religious health of the young people under analysis. The results shown in the analyzed categories show results above 60% above the minority, 20%. Conclusion: Adolescents and young people in the formative process arrive at the seminar without a clue about spiritual health. It is known that the health of a seminarian results in a healthy priest.*

**Keywords:** Health. DUREL. Seminar.

## 1 Introdução

O artigo *The religion paradox: If religion makes people happy, why are so many dropping out?* de Diener, Tay e Myers dispõe de uma pesquisa importante no âmbito das religiões monoteístas. Os autores trabalham com hipóteses de que a religião é identificada como um aspecto importante na vida cotidiana e do bem-estar subjetivo de cada indivíduo.<sup>1</sup> A pesquisa além de lidar com um aspecto da religião, desvela o crescente interesse no estudo científico entre tais variáveis, considerável, nos últimos anos, a saber: religião e saúde. No entanto, embora a literatura emergente tenha começado há documentar o papel da religião e sua relação com aspectos da vida no final do século XX, no contexto específico da formação religiosa para uma vida consagrada, a questão é complexa e multidimensional, com pouca literatura. Este artigo pretende colaborar com as poucas literaturas acerca das seguintes variáveis: seminaristas (adolescentes/jovens) e saúde espiritual. Contextualizando, é apenas no final do século 20 e início do século 21 que encontramos o interesse em estudar cientificamente o trato das religiões em relação à saúde.

Algumas investigações foram desenvolvidas: dentre elas a proposição de que a religião contribui nos aspectos da saúde física, como, por exemplo: doenças cardiovasculares, colesterol e câncer. Vejamos que o artigo *Coping (enfrentamento) religioso/espiritual* trabalha com a concepção de que “a vasta maioria das pesquisas indica que crenças e

<sup>1</sup> DIENER, Ed; TAY, Louis; MYERS, David. G. The religion paradox: If religion makes people happy, why are so many dropping out? *Journal of Personality and Social Psychology*, Bethesda MD, v. 101, n. 6, p. 1278-1290, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21806304/>. Acesso em: 15 nov. 2019.



práticas religiosas estão associadas com melhor saúde física e mental.”<sup>2</sup> No contexto da formação religiosa, trata-se de uma das prioridades em um processo de fé, acima de tudo, na Vida Religiosa Consagrada (VRC). A qualidade e o desempenho da vida religiosa têm uma relação muito próxima da formação de seus membros. Por isso, há muitos anos a Igreja e os Institutos formadores têm se empenhado na formação de seus membros, não poupando meios nem possibilidades.

É importante o acompanhamento do formador por favorecer o encontro interpessoal e um ambiente de diálogo e confiança. O formador é um representante da comunidade cristã e responsável pelo candidato, junto a equipe formativa. É indicado pelo responsável da Instituição. Precisa ser equilibrado, ter uma postura aberta, humana e espiritualmente madura. Além disso, boa formação humanística e com um profundo senso de pertencimento à congregação, à vida religiosa, à Igreja e de ser um seguidor de Jesus Cristo, sobretudo.

Na pedagogia que ano após ano é desenvolvida pelos formadores, não se pode ignorar as transformações pelas quais passam a sociedade atual. Não se pode tentar moldar alguém que está em um paradigma diferente com modelos antigos e conservadores. Os métodos de formação para a vida religiosa e as implicações decorrentes da quantidade de informações que o formando recebe, constantemente, através do avanço das redes sociais, na rede mundial de comunicação e das relações interpessoais que aí se constroem exigem um novo modelo para se formar os candidatos à VRC. Com isso, incluir uma espiritualidade saudável, pois serão líderes religiosos.

Bento XVI relembra um elemento importante nesse paradigma formativo, a saber, um equilíbrio na formação. É por isso que estamos empenhando em defender uma religiosidade e espiritualidade sadia para os novos membros das distintas comunidades religiosas. Esses elementos são fundamentais na vida de um líder religioso. Em poucas palavras Bento XVI (2013) relembra:

*Neste sentido: «Os jovens que desejam aceder ao sacerdócio sejam formados numa vida espiritual com ele condizente e aos relativos deveres do Seminário maior durante todo o tempo da formação, ou, se ao parecer*

<sup>2</sup> PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 126-135, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832007000700016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2019.



*do Bispo diocesano as circunstâncias o exigirem, pelo menos durante quatro anos» (cân. 235 § 1 do CIC).<sup>3</sup>*

Ao assumir a função de formador ao longo dos anos em uma Congregação é possível observar os desafios para a realização deste processo educativo. Em tempos de indiferença o que fica é a espiritualidade. Pode ser um paradigma mais condizente com o paradigma da evangelização que estamos enfrentando enquanto Igreja. Do outro, a necessidade de desenvolver instrumentos de intervenção que possam auxiliar nos desafios os quais consistem em se dedicar ao autoconhecimento do candidato, da necessidade de os indivíduos fortalecerem os laços interpessoais e, sobretudo, o processo de formação.

O Índice de Religiosidade de Duke (DUREL) é uma escala de cinco itens que mensura três das principais dimensões do envolvimento religioso: Religiosidade Organizacional (RO, item 1): frequência a encontros religiosos (por exemplo: missas, cultos, cerimônias, grupos de estudos ou de oração etc.); Religiosidade Não Organizacional (RNO, item 2); frequência de atividades religiosas privadas (por exemplo: orações, meditação, leitura de textos religiosos, ouvir ou assistir programas religiosos na TV ou rádio etc.); Religiosidade Intrínseca (RI, itens 3-5); refere-se à busca de internalização e vivência plena da religiosidade como principal objetivo do indivíduo. Os fins imediatos são considerados secundários e alcançados em harmonia com princípios religiosos básicos. Essa escala de DUREL é um instrumento sucinto e de fácil aplicação. Aborda alguns dos principais domínios da religiosidade e vem sendo utilizado em diversas culturas para esse fim. As dimensões da religiosidade mensurada por esse instrumento têm se mostrado relacionadas a diversos indicadores de saúde física e mental, além de suporte social.

No Brasil, particularmente, a escala teve sua versão original traduzida por um grupo de pesquisadores TAUNAY, Tauily C.; CRISTINO, Eva D.; MACHADO, Myrela O.; ROLA, Francisco H.; LIMA, José W. O.; MACÊDO, Danielle S.; GONDIM, Francisco de Assis A.; MOREIRA-ALMEIDA, Alexandre; CARVALHO, André. Posteriormente, outros estudos em várias perspectivas temáticas, demonstraram com consistência interna metodológica corroborando com a validade do referido instrumento. Todavia, não há estudos publicados com a escala de DUREL aplicada à formação religiosa. Daí a necessidade de desenvolvermos essa possibilidade com jovens em uma primeira etapa formativa. Essa primeira etapa é paradigmática por romper com os costumes de uma família biológica, social, afetiva e de renúncias à vida material, também. Esse momento inicial é avaliado a espiritualidade do

<sup>3</sup> BENTO XVI. *Ministorum Institutio*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013. p. 2.



candidato, sobretudo, se as suas motivações são materiais ou espirituais. Na espiritualidade extrínseca, as motivações, conforme propõe a de DUREL, são preenchidas pela visibilidade do ego e aquisição de bens.<sup>4</sup>

## 2 Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva quanto a medir por meio da Escala DUREL o grau de espiritualidade e de religiosidade dos formandos à vida religiosa em sua primeira etapa de formação. A metodologia aplicada para aquisição dos dados consiste em: a) levantar as motivações para a vida religiosa consagrada; b) descrever a vivência espiritual de cada formando. Com uma abordagem quantitativa podendo ser considerada como observacional e um estudo de caso constituído por um grupo de seminaristas participantes da primeira fase da formação religiosa cujos instrumentos de coleta de dados serão: 1) Formulário sociodemográfico: questões fechadas relacionadas com idade, raça, escolaridade, e outras questões relacionadas. 2) Outro instrumento foi a escala de DUREL para construir o Índice de Religiosidade já validada em diferentes contextos<sup>5</sup>.

- a) religiosidade organizacional (RO), que se refere ao item 1: frequência em encontros religiosos (por exemplo: missas, cultos, cerimônias, grupos de estudos ou de oração e outros);
- b) religiosidade não organizacional (RNO) está constituída pelo item 2: frequência de atividades religiosas privadas, por exemplo, em casa (tais como: oração, meditação, leitura de textos religiosos, ouvir ou assistir a programas religiosos na TV ou rádio);
- c) religiosidade intrínseca (RI) está formada pelos itens 3 a 5: destina-se à busca de internalização ou da introspecção e vivência plena da religiosidade como principal objetivo do indivíduo; fins imediatos são considerados secundários e alcançados em harmonia com princípios religiosos básicos.

A pesquisa foi desenvolvida junto aos seminaristas residentes e participantes do processo de formação religiosa no Seminário Passionista Santa Gema em Campina Grande, PB. O Critério para definição

<sup>4</sup> Cf. MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; PERES, Mário F.; ALOE, Flávio; NETO, Francisco Lotufo; KOENIG, Harold G. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 31-32, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 jan. 2020.

<sup>5</sup> MOREIRA-ALMEIDA. *et al.*, 2008, p. 31-32.



da amostra é não-probabilística (fechamento por exaustão), levando em consideração a experiência do pesquisador no local da pesquisa, serão abordados todos os sujeitos elegíveis, ou seja, todos os que fazem parte do universo definido pelos pesquisadores serão incluídos no processo de amostragem da pesquisa. Logo, os aspirantes (seminaristas) residentes na citada casa de formação religiosa à vida consagrada.

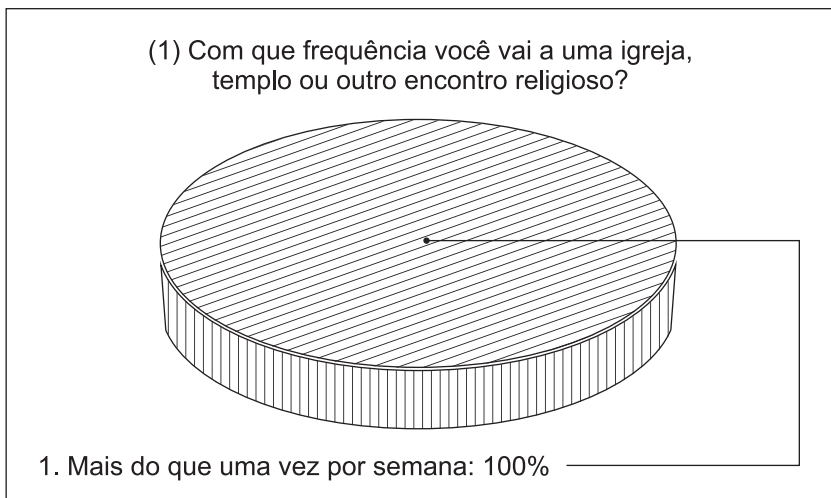
No Brasil, atualmente (ano de 2019), existem apenas duas casas de formação com a etapa do aspirantado, na Província Getsêmani. Das duas casas, a que está na Paraíba dispõe de uma amostragem significativa dentro do universo a qual a pesquisa se propõe investigar. A amostragem pode ajudar no processo formativo das casas de formação.

### 3 Resultados e discussões

#### 3.1 Perspectiva teológica e espiritual para seminaristas

A escala DUREL está constituída de cinco questões. Duas referem-se à religiosidade extrínseca, com seis perguntas, e três a religiosidade intrínseca, com cinco perguntas. Na perspectiva de MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; PERES, Mário F.; ALOE, Flávio; NETO, Francisco Lotufo; KOENIG, Harold G., “A DUREL possui cinco itens que captam três das dimensões de religiosidade que mais se relacionam com desfechos e saúde: organizacional (RO), não-organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI)”. Tomando esse panorama religioso, a pesquisa junto aos seminaristas aspirantes pode ser dita a partir destes resultados:

*Figura 1 – Prática espiritual externa – RO 1*





A amostragem é, na verdade, uma preocupação. Pois, ante essa perspectiva se tem uma pergunta: estamos mesmo cuidando de nós (VRC)? Ir à Igreja na visão do religioso não consiste numa religiosidade intrínseca, mas em estar disponível ao atendimento dos fiéis. A formação à Vida Religiosa Consagrada para o clero regular não se encerra menos que dez anos. Nesse processo ‘a estrutura do eu’ é avaliada constantemente. Alguns conseguem dar continuidade, mesmo que leve consigo alguns traumas. Correções duras não estão ausentes no dia a dia. A estrutura hierárquica não deixa passar nada sem ressaltar suas regalias. Após o processo inicial acham que já estamos prontos para o serviço. Chegam até nós mulheres que vivenciaram o aborto e/ou pessoas com câncer, por exemplo. Esses são casos delicados e que causam uma tristeza profunda no orientador espiritual. O que podemos dizer da saúde espiritual de um presbítero ou de um líder de outra comunidade religiosa ao lidar com casos tão drásticos do sofrimento humano?

Vários casos falam sobre essa realidade: líderes religiosos que ajudam outras pessoas não conseguem superar o vazio e adoecem. Chegam à depressão. Mas o que é a depressão? No artigo de Gomes de Deus, *Um estudo da depressão em pastores protestantes*, a depressão é entendida como

*[...] uma desordem do funcionamento cerebral que afeta e compromete o funcionamento normal do organismo, com reflexos ou consequências na vida pessoal em seus aspectos emocionais ou psicológicos, familiares e sociais<sup>6</sup>.*

A citação de Mariutti e Furegato, no artigo *Fatores protetores e de risco para depressão da mulher após o aborto* nos permite notar que “a depressão é a doença que mais aumenta no mundo, sendo provavelmente responsável por mais de 8 mil suicídios por ano.”<sup>7</sup>

Esses primeiros dados sinalizam a base do aspecto que desejamos chamar atenção. Depois de sair do local de trabalho de um profissional de

<sup>6</sup> GOMES DE DEUS, Pérsio Ribeiro. Um estudo da depressão em pastores protestantes. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 190-202. 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/1134>. Acesso em: 5 nov. 2019.

<sup>7</sup> MARIUTTI, Mariana Gondim; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Fatores protetores e de risco para depressão da mulher após o aborto. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 63, n. 2, p. 183-189, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 nov. 2019.



saúde, as pessoas procuram o confessorário ou uma igreja evangélica, o terreiro, alguma prática alternativa para superar a doença de depressão. Aqui o foco é o confessorário e a visita domiciliar. Depois que o atual pontífice dispôs de uma reflexão evangélica sobre a situação do aborto na vida das mulheres, o padre pode perdoar esse pecado mortal. Para alguns essa análise está superada, mas não é tão simples assim. O fato dito no confessorário é trágico seja para quem vem pedir perdão pelo assassinato como também para quem escuta e propõe uma orientação espiritual. Para ambos a situação é traumática. Os transtornos psíquicos que suscitam o confessorário não se encerram à fórmula ritual. O padre se mantém diante da pessoa perdoada. Assim que ela sai a carga psíquica acompanha o padre. Chega o choro, a tristeza, o vazio.

Na visita domiciliar aos enfermos – Pastoral da saúde – sela-se o sacramento da *Unção dos Enfermos*. Anselm Grün diz que “só posso vencer a doença com paz interior, conscientizando-se da minha verdadeira identidade”.<sup>8</sup> Isso implica aceitar a doença? O que podemos dizer de alguém que a maior parte de sua vida rezou, comungou, confessou, tem fé, mas agora experimenta o sofrimento e pede a morte a Deus diante do câncer? Havemos de concordar com Gomes de Deus que “a doença depressiva deve, portanto, ser examinada dos pontos de vista biológico, genético, cognitivo, social, considerando ainda as histórias pessoal, econômica e espiritual do indivíduo”.<sup>9</sup> Não só daquele que sofre uma perda, mas também de quem o acompanha.

Nesse sentido, queremos levantar a hipótese que, na atual conjuntura, os presbíteros também se envolvem com drogas lícitas e isso parece dizer sobre seu processo interior. Falta melhorar o processo de canalização das forças vitais para o serviço evangelizador e não para outros valores. Esse pode ser um patamar fundamental da doença de depressão na vida de um presbítero: não saber canalizar seus problemas e/ou forças. A falta disso, não seria janelas ou portas de uma depressão? Para Zeferino e Furegato, no artigo *Aborto, depressão, autoestima e resiliência: uma revisão*, chamam atenção para o seguinte:

*A depressão é um transtorno mental, geralmente determinado pela diminuição do humor, da energia e da atividade com os seguintes sintomas: anedonia, diminuição da capacidade de concentração, da autoestima e da autoconfiança, fadiga nos pequenos esforços, sintomas de culpa ou indig-*

<sup>8</sup> GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos*: consolo e afeto. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 46.

<sup>9</sup> GOMES DE DEUS, 2009, p. 192.



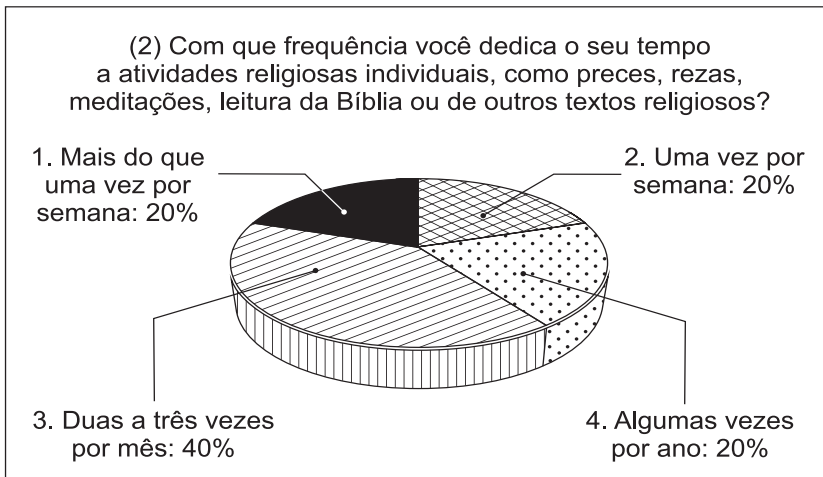


*nação, despertar precoce e perda de libido. Por outro lado, é importante evitar confundir estado de tristeza reativa com diagnóstico de depressão.*<sup>10</sup>

Para ajudar, o ajudador precisa estar bem. Ter consciência da fé que a comunidade implica. Para estar bem se faz necessário cuidar da estrutura do eu. O presbítero deve assumir sua vocação. Não queremos dizer que outros dons não lhe podem pertencer, mas lhe é caro o cuidado espiritual. Assim se faz necessário perceber que a fama é para um cantor. A administração é para alguém com seus atributos. Um padre não pode ser mestre de espiritualidade ao mesmo tempo médico, enfermeiro, administrador, psicólogo, perito, mágico, palhaço, etc. Apenas é um homem frágil que está sujeito a qualquer coisa como outro homem, inclusive à depressão e, também, sujeito ao suicídio. Em um primeiro momento, é possível lidar com relatos do desejo de suicidar-se logo após a identificação da doença maligna. Melhor dizendo, há vários casos de suicídio no clero regular. No passado, o quadro desses missionários é a depressão.

Este gráfico mede, ainda um norte, da dimensão extrínseca da religiosidade. As devoções. E, neste caso, convém lembrar das matrizes religiosas as quais as atividades religiosas se distinguem. Na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), os religiosos se reúnem para expressar sua devoção com orações canônicas. Temos:

Figura 2 – Prática espiritual externa – RNO 2



<sup>10</sup> ZEFERINO, Mariana Gondim Mariutti; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Aborto, depressão, autoestima e resiliência: uma revisão. *Saúde e Transformação Social*, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 115-119, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002423218>. Acesso em: 15 nov. 2019.



Os resultados da pesquisa não estão em um nível abaixo do esperado. Existe na VRC um apreço pela *Liturgia das Horas*, a *Lectio Divina* e a meditação do rosário. Outro saber, presente na Escala DUREL consiste na relação com Deus. Sobre essa temática o gráfico expressa uma porcentagem alta. O gráfico aponta para o centro da vocação à Vida Religiosa Consagrada. Apesar de estamos vivendo um paradigma caracterizado pelas relações líquidas, a pesquisa junto aos jovens, diz que eles sentem a presença de Deus. O formador, diante desse aparato, tem um fundamento para trabalhar os alicerces da VRC. Em uma oficina constituída em torno dessa amostragem, permite pensar a presença de Deus e estar na presença do outro que também constitui o ser religioso. Neste aspecto, um trabalho na perspectiva da relação poderia aproximar a imanência. É nas relações que a presença de Deus é provada. A ideia bíblica ‘amar o que vemos’ tem uma fundamental importância na construção do ser religioso.

Figura 3 – Prática espiritual interna – RI 3



As discussões acerca dos principais desafios na formação foram realizadas em oficinas. Cada oficina foi desenvolvida a partir deste tema: *Diversidade, fortaleza ou debilidade – para o mundo ser melhor, é preciso ser diferente?* O tema/pergunta é relevante no contexto das juventudes que são pegas de surpresa ante o processo formativo. Ser diferente, neste contexto, é ser protagonista de seu próprio processo. Ninguém forma ninguém. A tese que levantamos é a existência da autoformação mediada por aquele que já é iniciado na Vida Religiosa Consagrada.

Com a primeira oficina o trabalho especulativo seguiu com a apresentação em dupla. Após ser apresentado e entregue um formulário



sobre o perfil de cada aspirante à Vida Religiosa Consagrada; preenchimento e apresentado em dupla, cada aspirante fez a experiência de se colocar no lugar do outro. A ideia de narrar as particularidades da vida interpessoal dentro do seminário; da arte de lidar com o outro e da necessidade de melhorar o diálogo intergrupar, parecem ser os principais desafios do processo formativo. Esta constatação empírica pode assim ser apresentada por meio da leitura dos perfis vocacionais observados nas oficinas trabalhadas e que mais adiante citaremos.

Nas rodas de conversas algumas perguntas são salutares para dar início a uma caminhada de descobertas em uma teologia seminarística. Neste percurso, quem sou eu? fale de você! São proposições que contribuem para a formação inicial. Sem saber quem é, o caminho inicial não tem como ser formativo. Adere a este saber as seguintes concepções: qual é seu nome? De onde veio? Por que está aqui (opção)? Qual a importância deste momento formativo? O que mais deixa triste e chateado nesta etapa formativa? Qual o desafio maior? Qual o acontecimento que mais tem te marcado no seminário?

A pergunta por quem sou eu e me fale de você; faz com que o jovem que está sendo analisado em sua vocação diga suas principais motivações para viver no ambiente seminarístico. Sendo eu, com minhas limitações e qualidades, um jovem que, fora da Vida Religiosa, poderei ter sucesso financeiro e bens materiais, mas abnegando isso é evidente a opção por algo incerto e desestruturado. Sem esta maturidade não é possível estar na primeira etapa bem e, se assim procede, não está no nível da normalidade. Toda ruptura exige um tempo de superação. É notório que este passo é uma descoberta. Por isso, o primeiro desafio que se pode dizer da formação a VRC consiste em deixar-se ser conduzido pela descoberta do eu. Mas, não o eu como simplesmente eu. Estamos tratando de uma ontologia duplicada. O religioso é um eu biológico e um eu religioso condensado em uma mesma estrutura psíquica. Não significa deixa sua história, mas precisa dar conta de outra história que aos poucos vai se fundindo na sua, a saber, Cristo e a Igreja.

A segunda oficina teve o objetivo de provocar reflexões sobre as dificuldades de desenvolver a empatia. É bastante tênue a linha que separa a empatia da simples percepção do sentimento alheio. É importante “não de forma fingida”, sentir o que o outro sente, enxergar o que o outro enxerga, acreditar no que o outro acredita e pensar no que o outro pensa.



Alguns seminaristas se posicionaram sobre as dificuldades de se colocar no lugar do outro o tempo todo, sem esquecer que aquela situação é ‘dele’ e não ‘nossa’. Essas características são próprias de quem está chegando em um ambiente distinto como é o caso de uma casa de formação para a vida religiosa.

A terceira oficina focou nos passos para desenvolver a empatia. Desenvolvemos o reconhecimento das emoções quando ocorrem e como interpretá-las. Além disso, as motivações, valores e o comportamento. Demonstrar os sentimentos e expressões como: “Eu te entendo”, “imagino como deve estar sendo difícil” são elementos importantes e trabalhados nesta oficina. Silenciar, ouvir o outro; procurar dialogar; evitar olhar para o outro segundo os seus valores e evitar julgamentos é uma arte que é preciso ser desenhada dia após dia nos valores referentes à Vida Religiosa Consagrada, salienta os jovens.

Com a quarta oficina foi possível desenvolver uma reflexão mais aprofundada sobre os desafios da primeira etapa da formação à Vida Religiosa Consagrada. Levou-se em consideração o contexto da escolha para vida religiosa, a opção pelo seminário, as mudanças efetivadas e os resultados que estariam por vir após os anos de formação: um presbítero ou um bom pai de família. Os resultados desta análise estão apresentados nos seguintes protótipos abaixo. Optou-se em preservar o anonimato dos aspirantes, conforme rege a Resolução 466/201, no aspecto da ética para a pesquisa com seres humanos nas Ciências Sociais.

Os protótipos vocacionais foram concebidos pelas seguintes implicações metodológicas: ‘De onde vim?’; ‘como foi o meu chamado?’; ‘quais foram os desafios da primeira etapa formativa?’; ‘quais mudanças foram efetuadas?’; ‘quais os resultados?’

Para a realização dessa tarefa o oficinheiro distribuiu cartolinas, lápis colorido e outros materiais. Foi solicitado aos seminaristas que elaborassem um cartaz na perspectiva de um mapa conceitual, apresentando graficamente, os seguintes temas: o ponto de partida seria a vinda para o Seminário Passionista (São Paulo da Cruz); o contexto; o chamado Passionista; o desafio da primeira formação; as mudanças ocorridas e os resultados.

Sobre essas implicações, dispõe dos seguintes conteúdos fenomênicos colhidos em anotações de campo e descritos pelos entes em análise.



*Vim do interior da Paraíba. Sempre tive o coração desejoso para entrar na Vida Religiosa. Desejo de conhecer o seminário. Espera de dois anos para a admissão. Participou de encontros e conversas. Foi aprovado e admitido para o aspirantado. Deixar a família, casa, amigos. Desapego para abraçar a vida religiosa. Coragem, decisão e fé. Na convivência, falta de compreensão do outro. Acomodação; aceitar as dificuldades os momentos bons e ruins. Saber conviver, perdoar, amar e compreender o outro. Continuar trilhando o caminho da formação religiosa. Trilhar uma etapa com amor, solidão e oração. (Relato de Protótipo Vocacional – I).*

*Do interior de Alagoas. Durante a infância não houve o despertar para a vida religiosa. Convivência com religiosos na Paróquia da cidade. Atendendo a um chamado, uma escolha. A convivência, falta de fraternidade, de diálogo. Dificuldades de convivência. A experiência trouxe a maturidade. Projeto de Vida. A aceitar a realidade, ou seja, as exigências necessárias para a formação. Crescimento espiritual e intelectual. (Relato de Protótipo Vocacional – II).*

*Do interior da Paraíba. Não havia pretensão de ser religioso. Incentivo dos padres diocesanos. Despertou pelo Seminário Passionista, a paixão pelo carisma. Apoio da família. Chamado de Deus. O desafio da vida comunitária, as fofocas e a falta de diálogo. Adequar a um novo estilo de vida. Aceitar o outro e as diferenças. O desapego da vida mundana. Pensar no outro, viver e respeitar a individualidade. Pensar no próximo. (Relato de Protótipo Vocacional – III).*

*Do interior do Piauí. Desde criança tinha contato com irmãs religiosas, também com membros da congregação. Através de um Padre Passionista. Cursando a Faculdade. Após conclusão, convite de Padre formador para participar da formação. A convivência e a desunião. Aprender a conviver. Respeito. Seguir meu objetivo para a vida religiosa. Seguir com meus objetivos. (Relato de Protótipo Vocacional – IV).*

*Veio de Pernambuco. Participava da Igreja com os avós. Participava do grupo de coroinhas. Sentiu o chamado de Deus. Teve experiência em outro seminário. Conheceu os Passionistas. Dificuldades de convivência. Aceitar o outro, com suas diferenças. Aceitar e perdoar para conviver. Respeitar o outro com seus defeitos e qualidades. Apostar na minha capacidade. Seguir em frente na minha vida religiosa. (Relato de Protótipo Vocacional – V).*

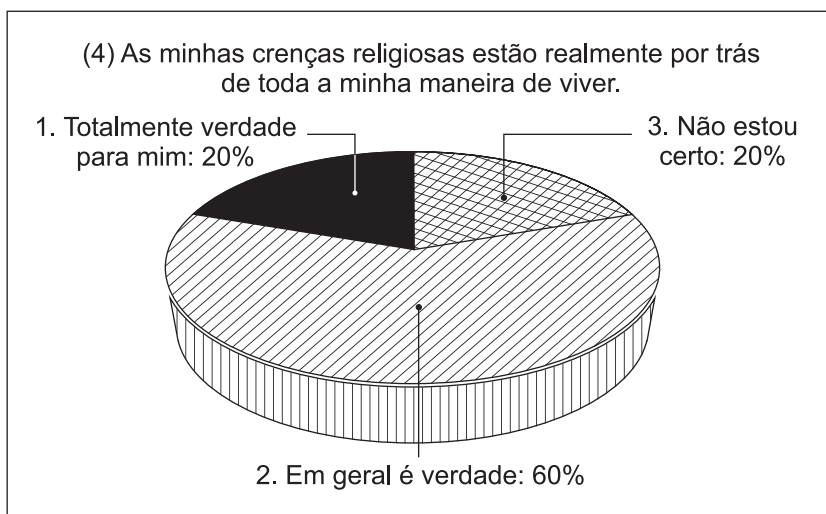
*Da Paraíba. Sempre sentiu o chamado desde criança. Sentiu o chamado de Deus desde criança para ser sacerdote. Adquirir conhecimento religioso e intelectual. A convivência dentro casa. Respeitar o próximo. Se empenhar na rotina da casa. Valorizar o aprendizado e a experiência. Atender ao chamado de Jesus. (Relato de Protótipo Vocacional – VI).*



A interação teve como objetivo desenvolver um mapa vocacional. Este mapa contribui para uma releitura da vida do vocacionado à Palavra de Deus. Foi possível perceber que os elementos encontrados nos jovens se aproximam dos elementos narrados nas *Escrituras*, como por exemplo, a vocação de Abraão e demais patriarcas. Além destes, também, a vocação de Maria e a da Igreja Primitiva.

O quarto questionamento está relacionado à praxe daquele que tem fé. Espera-se que o candidato à Vida Religiosa Consagrada tenha fé e que as suas ações estejam condizentes com o que ele acredita. A pesquisa nos apresenta os seguintes dados:

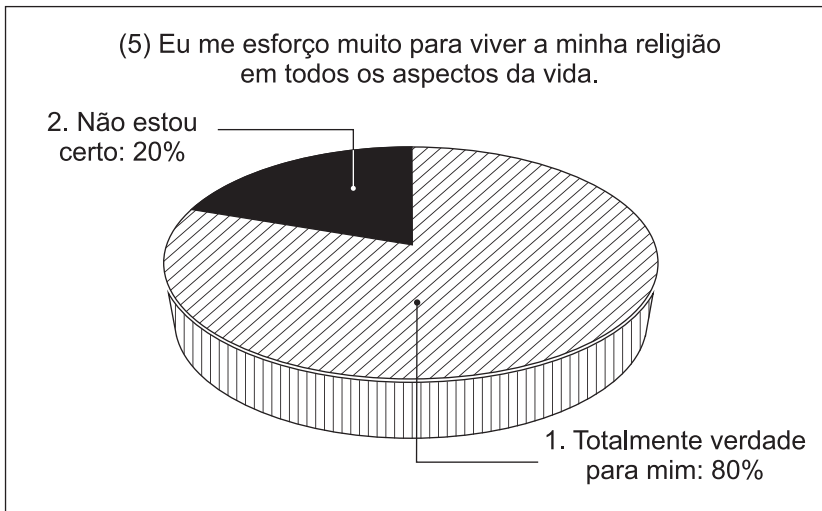
Figura 4 – Prática espiritual interna – RI 4



A maior porcentagem consiste em dizer que as crenças religiosas estão realmente por trás de toda forma de viver. Isso repercute na formação religiosa, no contato com os seus colegas de seminário. Além disso, no trato com as pessoas que estão fora do ambiente seminarístico. Chamamos atenção para a parte menor que aqui foi dita. 20% diz que não está certo desta ideia. No ambiente seminarístico, este dado corresponde aos perceptíveis grupos que sempre estão em desacordo com o que lhes são propostos. Não querem aderir às propostas formativas. Não propõem nada, mas também nada aceitam. Os outros são aqueles que definimos como maduros. Ora, a maturidade seminarística não corresponde a críticas, mas ao que de fato querem. Se tenho fé então minha fé repercute nas minhas decisões e ações.

É verdade que estes três níveis encontrados na formação seminarística, quando trabalhado, modificam-se no esforço e na procura em ser melhor nas dimensões que constituem o ser humano. Vejamos que o próximo gráfico nos apresenta uma porcentagem referente ao que anteriormente estávamos refletindo.

Figura 5 – Prática espiritual interna – RI 5



Os 20% que na tabela anterior foi dita é apresentado mais uma vez neste gráfico. Os 60% que anteriormente haviam dito: “em geral é verdade para mim” são integralizados aos outros 20% que afirmam “totalmente verdade para mim”. Sua soma está resultando nos 80% que dizem ou tentam viver a religião em todos os aspectos da vida. Esperamos que um candidato a vida presbiteral tenha em sua vida os fundamentos da religião a qual prestará serviços espirituais. Um presbítero que não tem essa convicção é levado por outros interesses e essa perspectiva atrapalha seu modo de atuar em uma comunidade eclesial.

#### 4 Conclusão

A pesquisa possibilitou perceber que em tempos de tecnologia ainda há adolescentes e jovens que se interessam pela Vida Religiosa Consagrada. Além disso, os momentos iniciais são de conhecimento de si mesmo e do ambiente onde desejam permanecer por toda a vida. Inerente a esse conhecimento, os adolescentes e jovens que chegam a um



seminário com seus costumes, fazem saber que é apenas com o tempo que absorvem o modo de ser de uma dada comunidade religiosa.

O local onde a pesquisa foi realizada mostrou a intervenção do meio. Analisados em um período significativo, mostraram desenvolvimentos benéficos em sua vida e saúde espiritual. A demonstração nos gráficos são reflexos da mistura de maturidade e ao mesmo tempo de desentendimentos ante o meio que o grupo se insere, mas nada de anormal, pois se trata de um ambiente novo para a convivência deles.

Seminaristas saudáveis são reflexo de presbíteros também saudáveis. Fica essa proposta de análise e trabalho para as casas de formação da ICAR bem como às Igrejas que pensam ser importante trabalhar uma teologia espiritual tão simples, mas que pode muito contribuir com o amanhã da comunidade cristã.

## Referências

BENTO XVI. *Ministorum Institutio*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

DIENER, Ed, TAY, Louis; MYERS, David. G. The religion paradox: If religion makes people happy, why are so many dropping out? *Journal of Personality and Social Psychology*, Bethesda MD, v. 101, n. 6, p. 1278-1290, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21806304/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos: consolo e afeto*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOMES DE DEUS, Pécio Ribeiro. Um estudo da depressão em pastores protestantes. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 190-202, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/1134>. Acesso em: 5 nov. 2019.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; PERES, Mário F.; ALOE, Flávio; NETO, Francisco Lotufo; KOENIG, Harold G. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 31-32, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 jan. 2020.





MARIUTTI, Mariana Gondim; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Fatores protetores e de risco para depressão da mulher após o aborto. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 63, n. 2, p. 183-189, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 nov. 2019.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v.34, n.1, p.126-135. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832007000700016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2019.

TAUNAY, Tauily C.; CRISTINO, Eva D.; MACHADO, Myrela O.; ROLA, Francisco H.; LIMA, José W. O.; MACÊDO, Danielle S.; GONDIM, Francisco de Assis A.; MOREIRA-ALMEIDA, Alexandre; CARVALHO, André. Development and validation of the Intrinsic Religiousness Inventory (IRI). *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 76-81, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462012000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462012000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 nov. 2019.

ZEFERINO, Mariana Gondim Mariutti; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Aborto, depressão, autoestima e resiliência: uma revisão. *Saúde e Transformação Social*, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 115-119, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002423218>. Acesso em: 15 nov. 2019.